TEXTO PARA DISCUSSÃO

2101

Rio de Janeiro, junho de 2015

SUMÁRIO EXECUTIVO

INDICADORES DE CONSUMO APARENTE DE BENS INDUSTRIAIS: METODOLOGIA E RESULTADOS

Leonardo Mello de Carvalho
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Fernando José da S. P. Ribeiro
Técnico de Planejamento e Pesquisa da Dimac do Ipea.

O objetivo deste trabalho é a construção de indicadores de consumo aparente (CA) de bens da indústria brasileira que, com base em dados de alta frequência, permitam avaliar mais tempestivamente o que está acontecendo com a demanda interna de bens industriais. O CA, que corresponde à produção industrial doméstica acrescida das importações e diminuída das exportações, reveste-se de grande importância, tendo em vista a dificuldade de construir medidas tempestivas da demanda. Em contrapartida, os dados de oferta são abrangentes e diversificados. O trabalho detalha a metodologia e apresenta os resultados referentes aos indicadores de CA mensal da indústria geral e da indústria de transformação, bem como dos bens classificados segundo categorias de uso – bens de capital, bens intermediários, e bens de consumo (duráveis, semiduráveis e não duráveis) – e setores de atividade da indústria de transformação brasileira, conforme a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As séries calculadas cobrem o período que vai de janeiro de 1998 a dezembro de 2013.

O cálculo do CA é realizado em três etapas, apresentadas a seguir.

1) Construção de séries de produção física da indústria, com periodicidade mensal, para os diferentes agregados industriais (indústria geral, indústria de transformação, categorias de uso e setores), a partir de dados de produção física desagregados segundo uma lista de produtos do setor industrial – desagregação que é igual à utilizada nas Tabelas de Recursos e Usos (TRUs) do Sistema de Contas Nacionais (SCN).

2) Cálculo da participação que cada um dos componentes – produção, importações e exportações – tem no CA para cada agregado industrial, com base nos dados anuais das Contas Nacionais do período 2000-2009.

3) Cálculo dos índices mensais de CA, por meio da soma ponderada dos seus componentes, tomando como base os pesos calculados para o ano anterior e os índices mensais de produção física industrial, de *quantum* de importações e exportações.

Os índices não fixam a composição do CA em um determinado ano, mas permitem que os pesos de cada componente se alterem ano a ano, conforme se alteram os dados das Contas Nacionais entre 2000 e 2009. Para criar uma série mensal historicamente comparável, os índices calculados para os diversos anos são encadeados a partir das taxas de variação.

A disponibilidade de uma série de CA de bens de capital permitiu, ainda, a construção de um indicador de formação bruta de capital fixo (FBCF) da economia, que é composto pelos investimentos em máquinas e equipamentos e pela construção civil. O primeiro desses elementos corresponde ao CA de bens de capital. O segundo utiliza como *proxy* o índice que mede a evolução da produção física de insumos para construção civil, divulgado mensalmente na Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF) do IBGE. O indicador de FBCF é obtido pela média ponderada

desses dois índices, com as ponderações sendo dadas pela participação de cada um deles na FBCF total, de acordo com os dados contidos nas tabelas sinóticas anuais do SCN do período 2000-2009.

A análise da evolução dos indicadores de CA calculados evidencia que houve três subperíodos bastante distintos entre 1998 e 2013. No primeiro, que vai de 1998 a 2003, o CA da indústria geral permaneceu virtualmente estável. O crescimento da produção foi compensado por um aumento das exportações e por redução das importações. Em outras palavras, a demanda doméstica desses bens ficou estável, mas a produção cresceu por conta da demanda externa e pela substituição de bens importados por nacionais.

No segundo subperíodo, de 2004 a 2008, houve uma robusta expansão da atividade econômica doméstica, que resultou em crescimento do CA de bens industriais de 5,4% ao ano (a.a.). Boa parte dessa expansão impulsionou a indústria doméstica, que teve crescimento de 4,2% a.a., mas uma parcela significativa do aumento da demanda "vazou" para o exterior, na forma de maiores importações.

Por fim, no período que vai de 2009 a 2013, o consumo aparente doméstico teve forte desaceleração em relação ao subperíodo anterior, sendo que uma pequena parte desse aumento impactou a produção industrial doméstica e grande parte direcionou-se às importações.

Dois aspectos sobressaem nessa análise. O primeiro é que o comportamento da produção industrial domina amplamente os movimentos do CA, dado que os bens produzidos domesticamente têm um peso bem maior na demanda interna do que os importados, conforme informado pelas Contas Nacionais. O segundo é que as importações ganharam muito espaço na demanda doméstica de bens industriais, especialmente a partir de 2006, período em que há um claro descolamento da trajetória do *quantum* importado em relação à da produção.